

O poder no novo Congresso, aliado, mas independente

por Eliane Cantanhêde
de Brasília

“Sou doido, não é?” Foi assim, bem-humorado e cheio de gás, que o novo presidente do Senado, José Sarney, recebeu este jornal para uma conversa, na sexta-feira. Ele tinha acabado de conceder uma entrevista coletiva, suavemente ironizando o pronunciamento do presidente Fernando Henrique Cardoso, em rede nacional, e anunciando que enviaria para o Supremo Tribunal Federal (STF) as denúncias contra o quarto-secretário do Senado, Ernani Amorim (PDT-RO) – que responde a dezenas de processos na Justiça comum por envolvimento com o narcotráfico. Sempre tão contido, Sarney foi mais longe: admitiu, antecipadamente, que será a favor de um eventual pedido do Supremo para processar o senador.

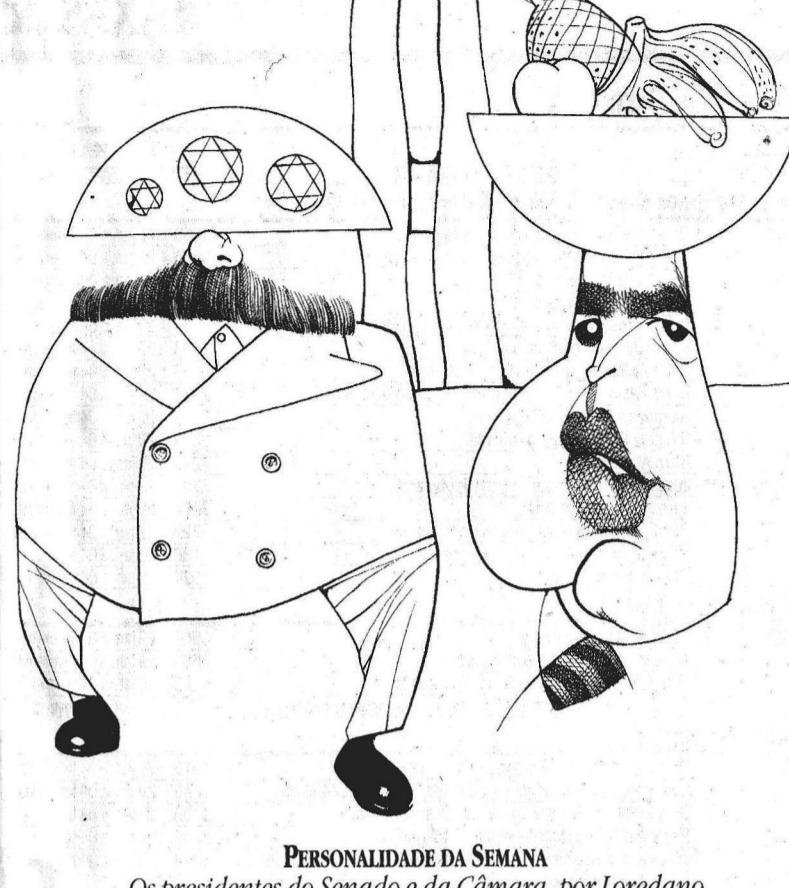
De doido e de bobo, Sarney não tem nada. Ex-deputado, ex-governador, ex-presidente da República, ele está há 40 anos na vida pública e há 30 domina a política do Maranhão. Fez todos os seus seis sucessores no governo local desde 1965, e acaba de eleger para o cargo a própria filha, Roseana. Mas, que alguma coisa mudou entre o Sarney do Palácio do Planalto e o Sarney da semana passada, no Congresso, lá isso mudou. Aquela dava tudo para não entrar numa polêmica, quanto mais numa briga. Este admite processar um colega e já reage à altura até às cutucadas do presidente da República.

“Se há uma coisa da qual me arrependo profundamente, na minha vida, é de não ter sido tão severo nas cobranças como deveria ter sido, principalmente na Presidência da República. Este é meu espinho na garganta”, desabafa Sarney, autoflagelando-se por ter enterroado o estrondoso sucesso do Cruzado com o Plano Cruzado II. “Tentei ser conciliador na crise da equipe econômica e errei”, avalia.

Mas, ele tem uma justificativa para a timidez que carimbou a imagem de seu governo: “Era o constrangimento. Eu não me sentia no direito de usurpar, do PMDB, o poder que o partido havia

- 6 FEVEREIRO 1995

GAZETA MERCANTIL



conquistado com Tancredo”. Daí, também, uma certa subserviência ao todo-poderoso presidente do partido, deputado Ulysses Guimarães, que fazia e desfazia ministros e falava pelo governo. “Pois é, o constrangimento estendia-se ao Ulysses. Ele era o testamenteiro daquele processo”, explica.

Sarney chegou a atingir índices recordes de popularidade no governo e, mesmo deixando de herança uma inflação de 80% ao mês, voltou a disparar nas pesquisas de opinião sobre os presidenciáveis de 1994. Só não foi candidato porque o mesmo PMDB preferiu Orestes Queríca, mas, o projeto, provavelmente, ainda está de pé. Só não é confessado.

Quando Sarney decidiu candidatar-se à Presidência do Senado, logo surgiu a suspeita de que estaria preparando a alavancada para uma nova disputa presidencial. “Eleição? Se você fizer isto, juro que vou para a Cochinchina”, reagiu a ex-primeira-dama, Dona Marly. “E onde é isso? Eu vou ter que ir também?” espantou-se Maria, a empregada da família há mais de 20 anos.

Folclore à parte, Sarney vai completar 65 anos no dia 25 de abril – ou seja, terá menos de 70 anos em 1998 – e já começa a colecionar troféus para futuras empreitadas. Um deles é um fax enviado na mesma sexta-feira pelo editor de política do jornal francês *Le Figaro*, Jean Louis Peytavin: “Nós sabemos que você vai trabalhar para restaurar a força do Legislativo no contexto da Constituição Brasileira”, escreveu Peytavin. E acertou em cheio.

A palavra de ordem do Congresso Nacional é autonomia. Não se trata de uma exclusividade de Sarney, mas, ao contrário, espalha-se pelos plenários, comissões e corredores e cai como uma luva num gabinete distante 500 metros do seu: o do presidente da Câmara, Luiz Eduardo Magalhães, que é do PFL, tem 39 anos de idade e é filho do velho amigo e mais poderoso aliado de Sarney nos tempos da Presidência da República: Antônio Carlos Magalhães.

“Sou livre e independente”, foi logo autopropagando-se Luiz Eduardo no discurso que antecedeu sua eleição para o cargo. Colocado na política desde criancinha, pelo pai, seu currículo diz tudo. Afora um diploma de bacharel em Direito, o casamento com Michelle e três filhos, só fica sobrando a política: dois mandatos na Assembléia Legislativa da Bahia, da qual foi presidente, e o terceiro mandato para a Câmara dos Deputados, onde já foi líder do PFL e, agora, virou presidente.

Sarney foi UDN, Arena, PDS e só

parou no PMDB pela circunstância histórica da candidatura Tancredo Neves. Luiz Eduardo nasceu UDN, foi Arena, PDS e seguiu o rumo natural do PFL. Compara daqui, compara dali, isso significa que o comando do Congresso nacional está nas mãos do PFL ou, se preferirem, nas da antiga UDN.

O que diz disso um ex-ministro de Sarney? “Se Sarney é presidente do Senado e Luiz Eduardo, da Câmara, logo quem manda neste País é o Antônio Carlos Magalhães”, opina. “E o Fernando Henrique que se cuide”, acrescenta.

ROTEIRO SEMANAL PARA CONSULTAR E GUARDAR

SUMÁRIO

PEQUENAS EMPRESAS

Seminários, cursos, feiras e outros eventos.....2 e 3
Agenda tributária, com impostos federais e estaduais.....2

AGENDA POLÍTICA

Agenda do Congresso, com as principais atividades da Câmara dos Deputados e do Senado Federal.....3
Agenda do presidente da República e dos ministérios.....3
Agenda dos governadores, com seus principais compromissos.....3
Agenda dos tribunais.....3

ROTEIRO DO EMPRESÁRIO

Seminários, Cursos & Congressos em todo o País e no exterior.....4
Os eventos do Mercosul.....-
Feiras & Exposições, no País e no exterior.....5
Os principais eventos para o mundo empresarial, no Brasil e no exterior.....4 e 5
Marketing & Publicidade.....5
As agendas das Entidades de Classe.....5

NEGÓCIOS

Leilões de imóveis, de arte, de produtos agrícolas, de animais, de materiais.....5 e 6
Licitações de bens e serviços.....5
Navegação: informações sobre os navios aguardados nos principais portos brasileiros ..6

MERCADOS & TENDÊNCIAS

Commodities, trigo, proteínas animais, algodão, milho e feijão.....7
Borracha e café.....8

DINHEIRO & INVESTIMENTOS

Bolsas, Fundos e análise setorial8
Moedas, poupança, câmbio, futuros, agenda financeira e juros externos10
Open market, crédito, metais preciosos, empresas e depósitos a prazo11

PLANO DA SEMANA

Os principais eventos políticos e econômicos no Brasil e no mundo.....12
Os indicadores que sairão nesta semana.....12

136

Agora, a vez da esquerda: “O Fernando Henrique azeitou a perna econômica do seu governo, mas deu a largada com a perna enferrujada no Congresso”, declarou a este jornal, na semana passada, o deputado José Genoíno Neto, do PT de São Paulo, candidato derrotado à presidência da Câmara. Descontados eventuais exageros, não custa destacar que, de fato, o PSDB abocanhou as mais gordas fatias do Executivo, mas deixou para o voraz parceiro PFL o comando do Congresso e, de quebra, bons gabinetes da Esplanada dos Ministérios.

Sarney e Luiz Eduardo afinaram seus discursos. Ambos prometem modernizar o Congresso, impor linha dura contra as maracutaias e combater as medidas provisórias, que invertem os papéis: o Executivo assume o poder de veto, não votando os textos. E ambos afinaram também os limites de sua relação com o Palácio do Planalto: aliados, sim, mas com independência. Com parceiros com esse porte, o futuro poderá mostrar a Fernando Henrique que ele não precisa de adversários.

O primeiro teste foi na sexta-feira, antes mesmo das decisivas reformas constitucionais. O presidente da República foi para a televisão, criticar o antigo processo de concessões de rádio e televisão (que foi comandado por ACM durante anos); dizer que não tinha nada a ver com o reajuste de seu salário em mais de 100% (aprovado pelo Congresso depois de negociações com o governo) e insinuar que deputados e senadores abdicaram de 15 salários por ano (o que saiu no bojo dos aumentos dos salários do Executivo). Mexeu com fogo.

Luiz Eduardo, calado estava, calado continuou. Mas deu uma passadinha estratégica na Presidência do Senado, antes da entrevista coletiva de Sarney, e endossou as declarações de pai Antônio Carlos, considerando “hipócrita” o pronunciamento presidencial. Foi a primeira investida de ACM contra o governo. Como ele próprio previra, a trégua era até a eleição de Luiz Eduardo.